

# ANÁLISE DO MORFEMA “WA” DA LÍNGUA JAPONESA DO PONTO DE VISTA PRAGMÁTICO-DISCURSIVO\*

*Yûki Mukai*

*[...] the speaker influences the hearer's MENTAL REPRESENTATION of the world. This representation is formed by the sum of "propositions" which the hearer knows or believes or considers uncontroversial at the time of speech.*

LAMBRECHT, 1994, p. 43 (a ênfase é do próprio autor).

**RESUMO:** O objetivo de nossa análise sobre o morfema gramatical *wa* da língua japonesa é o de provarmos, do ponto de vista pragmático-discursivo, que o *wa* é, além de ser um morfema que indica a quantidade e qualidade informacional, um morfema representado em forma léxico-gramatical, refletindo não apenas a (pre-)suposição com relação à informação/conhecimento que os interlocutores possuem (*i.e.*, estado mental no sentido restrito), mas também as intencionalidades imprimidas ou as estratégias comunicativas utilizadas por esses interlocutores em uma dada situação de discurso (*i.e.*, estado mental no sentido amplo).

**ABSTRACT:** The aim of our analysis about the grammatical particle *wa* of the Japanese Language is to prove from the pragmatic-discursive point of view that the *wa* is not

\* Este artigo encontra-se baseado numa parte do capítulo IV (Parte analítica) da minha Dissertação de Mestrado, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lídia M. Fukasawa, apresentada junto ao Curso de Pós-Graduação na Área de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 28 de fevereiro de 2003.

only a particle that indicates informational quantity and quality, but also a particle that is lexicogrammatically represented, reflecting both a (pre-)supposition/assumption about the knowledge or information of interlocutors (*i.e.*, the mental state in a narrow sense), and their intentionality or strategies used by those interlocutors in a given discourse situation (*i.e.*, the mental state in a wide sense).

**PALAVRAS-CHAVE:** Pragmática Discursiva/Estrutura informacional; pressuposição mútua; tópico sentencial/contrastivo; informação dada/nova no nível pragmático-discursivo; morfema *wa* pressuposto-cooperativo/unilateral-estratégico.

**KEYWORDS:** Discursive Pragmatics/Information Structure; mutual presupposition; sentential/contrastive topic; given/new information in the pragmatic-discursive level; presumptive-cooperative/unilateral-strategic particle *wa*.

### 1. *Introdução: Delimitação e Justificativa do Corpus*

No nosso artigo anterior<sup>1</sup>, abordamos as teorias sintático-semânticas (*i.e.*, as funções e sentidos) do morfema *wa* da língua japonesa moderna, através de uma visão diacrônica, conforme os postulados dos teóricos japoneses.

Neste artigo, procederemos, então, a reflexões sobre a análise do mesmo morfema do ponto de vista pragmático-discursivo, com enfoque na estrutura informacional<sup>2</sup>, isto é, na qual se encontram as noções de tópico/foco sentencial e informação dada/nova no nível pragmático-discursivo.

A razão de se ter optado pela análise pragmática deve-se ao fato de que, como verificamos no nosso artigo anterior, a identificação das funções de *wa* (tópico sentencial ou contrastivo) depende não apenas dos níveis sintático e semântico-lexical, mas também do nível pragmático-discursivo, principalmente, do contexto situacional e da (pre-)suposição dos interlocutores, referente à informação compartilhada pelos mesmos.

Em outras palavras, cada nível lingüístico está inter-relacionado para a identificação das funções de *wa*, e uma vez que *wa* é um morfema relacionado à quantidade/qualidade informacional (cf. Mukai, 2002), não podemos desconsiderar os fatores pragmáticos, tais como o contexto situacional ou ambiente físico no qual os interlocutores estão envolvidos, (pre-)suposição referente à informação/conhecimento compartilhado por eles etc. Como temos afirmado em oportunidades anteriores (cf. nota 1), os resultados da identificação serão diferentes na análise no nível sintático (isto é, nível

1. Cf. Mukai, *Estudos Japoneses* n. 22, 2002, pp. 113-145. Cf. também o capítulo II da Dissertação de Mestrado (2003).

2. Segundo Lambrecht (1994, p. 5), a estrutura informacional diz respeito a “*that component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts*”. Resumindo, a estrutura informacional refere-se à estrutura léxico-gramatical – considerada como uma unidade informacional – que os interlocutores utilizam/interpretam conforme seus estados mentais, isto é, a suposição referente a suas informações/conhecimentos.

da frase) e no nível pragmático (isto é, levando-se em conta o contexto situacional). É por essa razão que analisaremos, neste estudo, os enunciados com enfoque no seu nível pragmático.

Apesar de nossa abordagem central ser pragmática, a dimensão de nossa análise lingüística não é a do texto/discurso, mas é a da frase/enunciado, em conformidade com a posição teórica de Lambrecht (cf. 1994, p. 7) de que a estrutura informacional pertence à gramática da frase (cf. nota 2) e diz respeito à organização da frase dentro do texto/discurso. Restringiremos, então, toda nossa análise lingüística ao nível do enunciado, levando em conta o contexto do discurso.

É evidente que uma análise segura e abrangente deve conter um número grande de enunciados analisados, mas sendo o nosso maior interesse, neste estudo, o de sistematizar o funcionamento do morfema *wa*, ativemo-nos ao enfoque de verificarmos que o *wa* (principalmente, de tópico sentencial) é um morfema que reflete os estados mentais (*i.e.*, (pre-)suposição) dos interlocutores e a quantidade/qualidade informacional do conteúdo do enunciado por eles transmitido.

Antes de entrarmos nos detalhes da delimitação do *corpus*, alertamos para o fato de que não trataremos, neste estudo, do aspecto prosódico (tom ou acento etc.) e paralingüístico (qualidade de voz que acompanha a fala etc.). Isso não significa a desconsideração dos fatores fonológicos, mas se deve ao fato de se ter adotado as afirmações de Lehman (1977), Brown & Yule (1983), Lambrecht (1994), entre outros, segundo os quais, do ponto de vista da estrutura informacional, o tom mais alto do enunciado nem sempre marca os elementos constituídos de informação nova, principalmente, na fala espontânea, o que nos levou a restringir nosso *corpus* aos textos registrados em língua escrita.

Entretanto, visando a uma análise mais acurada e adequada, o *corpus* será constituído de diversos textos – textos literários e científicos – (cf. [0-1])<sup>3</sup>, dos quais se poderá obter maior variedade de enunciados que contêm o morfema *wa*. Focalizaremos os textos literários registrados em forma de diálogos e conversações (cf. [0-1a] e [0-1b]), pois nosso maior interesse encontra-se no processo de (pre-)suposição dos interlocutores com relação à informação que possuem, isto é, na “proposição estruturada pragmaticamente”<sup>4</sup> em uma dada situação de discurso. É por essa razão que utilizaremos mais os romances ou contos, de onde retiramos os enunciados registrados em forma de diálogos e conversações.

Utilizaremos, ainda, um jornal traduzido diretamente do japonês para o inglês (cf. [0-1c]), cujo objetivo é o de verificarmos como cada função de *wa* (a indicação de tópico sentencial/contrastivo e informação dada/nova) está expressa e registrada em termos léxico-gramatical e sintático em línguas ocidentais. Acreditamos que tal com-

3. Apresentaremos, aqui, apenas alguns exemplos retirados de nosso *corpus* em função do espaço limitado para o artigo. Quanto aos exemplos de outros textos literários e científicos, conferir o capítulo IV da dissertação do autor (2003).

4. Conforme afirma Lambrecht (1994, pp. 52-53), a proposição estruturada pragmaticamente diz respeito à “*proposition which reflects not only a state of affairs but also the speaker’s assumptions about the state of mind of the hearer at the time of utterance, by indicating what is assumed to be already given and what is assumed to be new*”

paração (léxico-gramatical e sintática) possa ajudar na compreensão das funções peculiares de *wa*, tanto por parte de pesquisadores quanto por estudantes da língua japonesa, em termos didáticos.

Quanto à época da publicação dos textos utilizados na composição do *corpus* de nosso estudo, selecionamos textos modernos – em princípio, textos publicados na década de 2000, já que nosso estudo enfoca a língua moderna.

Enfim, nosso *corpus* (cf. nota 3) será constituído dos seguintes textos, a seguir, indicados pela seguinte ordem – título do texto em japonês, tradução do título; título abreviado do texto; gênero; nome do autor; edição; local; editora e ano de publicação:

(0-1)

- a. *Banka* [*O fim do verão*], (*Banka*), romance de Jirô Akagawa. 1ª ed., Tóquio: Shinchôsha, 2002;
- b. *Reisei to jônetsu no aida* [*Entre a calma e a paixão*], (*Reisei*), romance de Kaori Ekuni & Hitonari Tsuji. 1ª ed., Tóquio: Kadokawa Shoten, 2001;
- c. *Tenseijingo 2000 Aki: vol. 122* [*Vox populi, vox dei (Voz do povo, voz de Deus) 2000 outono: vol. 122*], (*Tensei*), jornal *Asahi*. 1ª ed., Tóquio: Hara Shobô, 2000;

## 2. Análise do “Wa” do Ponto de Vista Pragmático-discursivo

Como mencionamos na introdução, abordaremos o morfema *wa* do ponto de vista pragmático-discursivo, com enfoque na estrutura informacional, na qual se encontram as noções de tópico sentencial/contrastivo e informação dada/nova.

Analisaremos enunciados nos quais se encontra o morfema *wa*, com base na seguinte hipótese:

### (1-1) Hipótese

O morfema *wa* tem a função principal de topicalizar um elemento da frase. O *wa* de tópico sentencial é simultaneamente marcador de informação dada, enquanto o *wa* de contraste não pode ser marcador de informação dada, já que ele pode ligar-se, também, à informação nova<sup>5</sup>

5. Cf. Inoue, 1979, pp. 22-34.

Para Inoue (1979), apenas o morfema *wa* que indica tópico sentencial está relacionado aos elementos dados [*kichi yôso*] (isto é, aquilo que contém informações dadas). O *wa* de contraste, por sua vez, pode ligar-se aos elementos dados ou novos [*michi yôso*] (isto é, aquilo que contém informações novas). Em relação aos elementos dados e novos, Inoue (1979, pp. 28-29) afirma que “os sintagmas nominais que indicam os elementos dados constituem-se de substantivos próprios, sintagmas nominais constituídos por artigos definidos (no caso do inglês), pronomes e substantivos genéricos. (Denominaremos esses elementos de *kichi yôso* [elementos dados].) [...] Os elementos não-dados, por sua vez, constituem-se de sintagmas nominais que possuem os artigos indefinidos (*a gentleman* [*aru shinshi*]), sintagmas nominais que contêm um conteúdo semântico quantitativo (*many friends* [*ôku-no yûjin*]) etc. (Doravante, designaremos de *michi yôso* [elementos novos]”). Para a autora, apenas os elementos dados poderão se tornar o tópico sentencial [*shudai*].

Exemplo do “X (elemento novo) + *wa* de contraste”, levantado por Inoue: “*Ôzei-no hito-wa pâtî-ni kimashitaga, omoshiroi hito-wa hitorimo imasendeshita* [Muitas pessoas vieram à festa, mas não havia nenhuma pessoa interessante.]”. ([41b] de Inoue, 1979, p. 30) (As ênfases são nossas.)

Alertamos, ainda, que, neste item, analisaremos, principalmente, o morfema *wa* que pertence à categoria de argumento, pelo fato de que a noção de tópico sentencial está relacionada à mesma categoria.

### 2.1. Ocorrência de “wa” em frases de abertura

Primeiramente, analisemos o morfema *wa* utilizado na frase de abertura de um artigo, ou aquilo que está acoplado a um referente novo que surgiu pela primeira vez no romance. Eis os exemplos<sup>6</sup> retirados de nosso *corpus*:

(1-2) Exemplos retirados da frase de abertura ou primeiro aparecimento de um referente no romance

Exemplos retirados de nosso <i>corpus</i> (As ênfases nos exemplos são nossas.)	Função de <i>wa</i> do ponto de vista da estrutura informacional (Tópico sentencial ou tópico contrastivo)	Quantidade / qualidade informacional de <i>wa</i> para os interlocutores (Informação dada ou nova, no nível pragmático-discursivo)	Obs.; Fonte
(1) “ <i>Surihari Tôge</i> ”- <i>wa</i> 105saide nakunatta Ogura Yuki-san-ga 52sai-no-toki, 1947nen (Shôwa22nen)-no sakuhindearu. [Painter Yuki Ogura, who died Tuesday at age 105, once drew a picture titled “ <i>Surihari Toge</i> ”.]	Pseudotópico sentencial	Pseudoinformação dada	Frase de abertura do artigo; ( <i>Tensei</i> , p. 50)

É por isso que Inoue (1979, p. 29) ressalta que, “no caso da língua japonesa, apenas os elementos dados [*kichi yôso*] se tornarão o tópico sentencial [*shudai*], provocando a ocorrência de uma relação linear: elementos dados = informação dada = tópico sentencial”.

Neste estudo, adotando a posição de Inoue (1979), pode-se afirmar que, apenas quando o morfema *wa* desempenhar a função de indicar tópico sentencial, ficará estabelecida a relação linear: elementos dados = informações dadas = *wa* de tópico sentencial, porém, vale ressaltar que a função principal do morfema *wa* é a de topicalizar um elemento da frase, apresentando-o especialmente com destaque, independente da função ser tópico sentencial ou contrastivo.

6. Notas preliminares para os transcritos em japonês: 1. Os termos japoneses serão transcritos, utilizando-se o sistema Hepburn; 2. Adotou-se o acento circunflexo para indicar as vogais longas dos termos da língua japonesa; 3. Quando os morfemas da língua japonesa se ligarem, em princípio, a substantivos ou a outros morfemas, colocamos um hífen (“-”), para destacar esses morfemas. (e.g., *Daimoku-no joji* [morfema de tematização]: neste caso, “no” é morfema de caso genitivo.) (Contudo, convém lembrar que, normalmente, os japoneses não utilizam o hífen em japonês.); 4. As frases dos exemplos em japonês, que se encontram no texto, foram transcritas, divididas por unidades de *bunsetsu*, isto é, a menor unidade sintática de uma oração, a qual é constituída por partes compostas de, no mínimo, nocional mais relacional.

<p>(2) <i>Daigakusei-no gakuryoku teika-wa, sekaitekina genshōrashii.</i>  <i>[The deterioration of academic performance by university students is apparently a global phenomenon.]</i></p>	<p>Pseudotópico sentencial</p>	<p>Pseudoinformação dada</p>	<p>Frase de abertura do artigo; (<i>Tensei</i>, p. 102)</p>
<p>(3) <i>Chinbotsushita Roshia gensen-no naibu-wa, ima, don'na yōsudarō-ka.</i>  <i>[What could it be like now inside the sunken Russian submarine Kursk?]</i></p>	<p>Pseudotópico sentencial</p>	<p>Pseudoinformação dada</p>	<p>Frase de abertura do artigo; (<i>Tensei</i>, p. 96)</p>
<p>(4) <i>Nihon-no shinbun-de-wa jimina atsukaidattaga, eikoku-no [...]</i>  <i>Times-shi-wa, ichimen top-de jikoku-no meiyū-no shi-wo oshimi, shasetsu-demo ronjita.</i>  <i>[(The passing of Alec Guinness on Aug. 5 at age 86) did not receive much media attention in Japan. But in his native Britain, The Times, London, mourned the death of this great actor in its front page cover story as well as in an editorial.]</i></p>	<p>1º wa: Tópico contrastivo;  2º wa: Tópico contrastivo</p>	<p>1º wa: Informação nova; nova;  2º wa: Informação nova</p>	<p>Frase de abertura do artigo; (<i>Tensei</i>, p. 86)</p>
<p>(5) <i>Sawayanagi Masashi-wa, [...] kono sanpo-wo yameru ki-wa nakatta.</i>  <i>[Masashi Sawayanagi [...] não tinha intenção de parar com este hábito de passear.]</i></p>	<p>Pseudotópico sentencial</p>	<p>Pseudoinformação dada</p>	<p>Primeiro aparecimento da personagem no romance; (<i>Banka</i>, p. 5)</p>
<p>(6) <i>[...] -to hahaoya-ga iu-to, Kumiko-wa, [...] itta.</i>  <i>[Quando a mãe falou [...], Kumiko disse [...].]</i></p>	<p>Tópico contrastivo</p>	<p>Informação nova</p>	<p>Primeiro aparecimento da personagem no romance; (<i>Banka</i>, p. 18)</p>

<p>(7) <i>Ôbun-no dejitaru dokei-wa gozen niji happun-wo hyôjishite iru.</i>  [O relógio digital do forno elétrico está marcando que são duas horas e oito minutos da manhã.]</p>	<p>Tópico sentencial</p>	<p>Informação dada</p>	<p>Primeiro aparecimento do objeto (concreto) no romance; (<i>Reisei</i>, p. 7)</p>
<p>(8) <i>Hirusagari-no cafe-no nigiwai-wa kono machi-de watashi-no nigatena mono-no hitotsuda.</i>  [A animação da cafeteria no início da tarde é uma das coisas de que eu não gosto nesta cidade.]</p>	<p>Pseudotópico sentencial</p>	<p>Pseudoinformação dada</p>	<p>Primeiro aparecimento do objeto (abstrato) no romance; (<i>Reisei</i>, p. 7)</p>

Observa-se que os exemplos (1) a (4) de (1-2) são frases de abertura do artigo *Tensei Jingo*, e o restante dos exemplos está relacionado ao primeiro aparecimento de um referente (personagem ou objeto) nos romances *Banka* e *Reisei*.

No exemplo (1), a função de *wa* é a de indicar pseudotema, noção introduzida, originalmente, por Mathesius, da Escola Funcionalista de Praga. Segundo o teórico, a noção do pseudotema diz respeito àquilo que “é simplesmente simulada: faz-se como se o ouvinte já soubesse do que se fala (é o caso quando a frase de abertura de uma narração comporta artigos definidos, soltos, por assim dizer, no vazio [...])” (*apud* Ducrot, 1972, pp. 70-71). Aqui, utilizaremos o termo pseudotópico sentencial, com enfoque na estrutura informacional, introduzida por Lambrecht (1992). Quando um referente constitui o pseudotópico sentencial, este indicará o elemento que contém pseudoinformação dada, pois, o locutor apresenta um elemento acompanhado de *wa* como se a informação do elemento fosse dada ou compartilhada pelos interlocutores. Assim, as noções de pseudotópico sentencial e pseudoinformação dada estão inter-relacionadas, podendo-se dizer que um elemento da frase poderá constituir pseudoinformação dada, só quando o mesmo for pseudotópico sentencial.

Levando-se em consideração a explicação de Mathesius, nota-se que o autor do artigo *Tensei Jingo* introduziu um referente acompanhado de *wa*, como se fosse tópico sentencial, apesar da frase em questão compor a abertura do artigo. A razão de a função desse *wa* não ser de tópico contrastivo deve-se ao fato de que o artigo continua a desenvolver-se, explicando a pintura “*Surihari Tôge*” desenhada pela Sr.<sup>a</sup> *Ogura*. (A frase imediatamente depois do exemplo (1): “*2-nen kakete seisakusare, [...]*” [*She spent two years on the Japanese-style work, [...]*]) (cf. *Tensei*, p. 50).

É interessante notar que, no caso do inglês, o artigo indefinido é utilizado para fazer referência à pintura “*Surihari Tôge*”, isto é, no inglês, o elemento “*Surihari Tôge*” não constitui o pseudotópico sentencial que indica pseudoinformação dada, mas o elemento composto de informação nova.

Observa-se, ainda, que o pseudotópico sentencial do japonês (“*Surihari Tôge*”) transformou-se em tópico sentencial na frase subsequente, embora ele não esteja expresso explicitamente. Daneš (1974) denominou esse tipo de progressão de tópico sentencial, de “progressão temática com um tema constante”

Por outro lado, no caso do exemplo (2) de (1-2), nota-se que o componente acompanhado de *wa* (“*teika-wa*”), no japonês, corresponde ao sintagma que possui o artigo definido no inglês (“*the deterioration*”), o que nos levou a considerar que, tanto no japonês quanto no inglês, cada componente constitui um pseudotópico sentencial, diferentemente do exemplo (1).

O componente “*teika-wa*” não pode ser tópico contrastivo, pela mesma razão que verificamos no exemplo (1), pois, a frase subsequente ainda trata da deterioração do conhecimento escolar: “*Tatoeba sôgaku. [...] [In the field of mathematics, for instance, [...]. ]*” Daneš (1974) chamou esse tipo de progressão de tópico sentencial, de “progressão com tema derivado” sendo, nesse caso, o componente “*gakuryoku teika [deterioração do conhecimento escolar]*” um hipertema.

No caso do exemplo (4), diferentemente dos exemplos anteriores, a função do primeiro *wa*, por sua vez, é a de indicar tópico contrastivo, pois a frase subsequente já não se refere mais ao jornal do Japão, mas ao jornal da Grã-Bretanha. Em outras palavras, tanto o primeiro quanto o segundo *wa* são de tópico contrastivo em função do fator léxico-estrutural, isto é, o autor contrastou o jornal do Japão com o da Grã-Bretanha.

Referimo-nos no início do item 1, que o *wa* com função de indicar contraste pode ligar-se aos elementos de informação nova, conforme a posição teórica de Inoue (1979, p. 31), adotada para nosso estudo, segundo a qual “o morfema *wa* de tópico sentencial [*shudai*] indica *informações dadas* e o *wa* de contraste, *informações dadas* ou *novas*” (as ênfases são da própria autora Inoue) (cf. nota 5).

Quanto aos *wa* do exemplo (4), indicam informação nova para o receptor, pois, além de surgirem nas primeiras frases do artigo, são utilizados dentro da estrutura contrastiva. Ao contrário, o que pode se tornar pseudotópico sentencial constituído de pseudoinformação dada é aquele *wa* utilizado na frase de abertura, cuja estrutura ou contexto não é contrastiva.

No exemplo (5), a função do *wa* é a de indicar pseudotópico sentencial, pois, apesar de a frase em questão não constituir a abertura do romance *Banka*, o referente acompanhado de *wa*, isto é, “*Sawayanagi Masashi*” é uma personagem que surgiu (na estrutura/contexto não-contrastiva) no romance pela primeira vez. Em outras palavras, o autor introduziu a nova personagem como se fosse uma informação dada ou compartilhada, também, pelo leitor.

De fato, começando com o referente que indica pseudotópico sentencial, pode-se chamar a atenção do leitor, aguçando sua curiosidade, isto é, o autor apresenta, de propósito, um referente novo no romance com *wa*, mesmo sabendo que o leitor não o reconhece como informação dada ou compartilhada. Em outras palavras, violando-se a regra, segundo a qual se tenta introduzir, primeiramente, um assunto familiar ou compartilhado pelos interlocutores (cf. Chafe, 1970; Lyon, 1977; Vilela & Koch, 2002), chama-se a atenção do receptor (leitor/destinatário).

Designaremos esse tipo de manipulação de informação por parte do produtor (autor, narrador, locutor etc.), de “*estratégia de informatividade*”<sup>7</sup> Por exemplo, se houvesse apenas uma informação previsível em um trecho do romance, seria baixo seu grau de informatividade. O produtor aproveita, através dessa estratégia, incentivar a ação psicológica do receptor (leitor, destinatário etc.), que tentará estabelecer a coerência textual/discursiva, calculando ou inferindo relações de sentido no texto/discurso. Denominaremos essa manipulação em que o produtor faz o receptor inferir relações de sentido no texto/discurso, de “*estratégia de inferência*”

Quanto ao exemplo (6), o referente “Kumiko” mesmo surgindo pela primeira vez no romance, não constitui tópico sentencial nem pseudotópico sentencial, mas tópico contrastivo. O autor contrastou a mãe com Kumiko, utilizando o fator estrutural. Já que esse referente acompanhado de *wa* não indica pseudotópico sentencial, o mesmo não constitui pseudoinformação dada, mas informação nova, pela mesma razão vista no exemplo (4).

No caso do exemplo (7), diferentemente dos exemplos (5) e (6), o referente acompanhado de *wa* não é uma personagem, mas um objeto (concreto) que surge, de repente, pela primeira vez no novo parágrafo. Mesmo assim, o objeto não pertence à pseudoinformação dada, mas à informação dada, pois, no parágrafo imediatamente anterior, o narrador tinha se referido à cozinha onde se encontrava uma personagem. Em outras palavras, mesmo o objeto (relógio digital do forno elétrico), surgindo pela primeira vez no romance, é possível para o leitor reconhecer que esse objeto faz parte da cozinha tanto pelo fator lexical quanto pela vivência/conhecimento de mundo, principalmente, *frame* [moldura]<sup>8</sup> da cozinha.

Em resumo, pode-se dizer que o autor utilizou o morfema *wa* para esse objeto novo, sem introduzir uma frase concernente ao mesmo objeto, (pre-)supondo que o leitor pode associar ou reconhecer, com facilidade, a ligação lexical mútua entre objetos existentes na cozinha, pelo(s) vocábulo(s) utilizado(s) na frase/enunciado. Neste estudo, designaremos essa estratégia do produtor, de “*estratégia de associação lexical*”

Assim sendo, acreditamos ter ficado claro que nosso estudo encontra-se baseado no pressuposto de que, em conformidade com a posição de Lambrecht (1994), a estrutura

7. Informatividade: segundo Koch & Travaglia (1998, pp. 70-71), a noção de informatividade diz respeito ao “grau de previsibilidade (ou expectabilidade) da informação contida no texto” Para os autores, a informatividade é um dos fatores que estabelece a coerência textual.

8. Como o *frame* é um dos modelos cognitivos, isto é, extrapola o nosso foco central de análise, não entraremos em detalhes, mas segundo Ungerer & Schmid (1996, p. 206), a noção de *frame* foi introduzida por Fillmore nos meados da década de 1970. O *frame* diz respeito à “compreensão concernente a certos fatos e acontecimentos que são transformados em conhecimentos ou são conceptualizados como um conjunto de relações de fatos ligados mutuamente entre si” (Sugimoto, 1998, p. 46). Yule (2000, p. 135) afirma que o *frame* é aquilo que “é compartilhado em uma comunidade social, sendo chamado de *prototype* [protótipo]”

Segundo van Dijk (1992, p. 78), *frames* “não são ‘porções’ arbitrárias do conhecimento. Antes de tudo eles são unidades de conhecimento, organizadas segundo um certo conceito. Porém, ao contrário de um conjunto de associações, tais unidades contêm as informações essenciais, típicas e possíveis, associadas a tal conceito”.

informativa está relacionada à estrutura léxico-gramatical, que os interlocutores utilizam/interpretam conforme a (pre-)suposição de suas informações ou conhecimentos.

Do ponto de vista da teoria de Daneš (1974), a progressão temática do exemplo (7) é do tipo “progressão com tema derivado”, sendo a cozinha, nesse caso, um hipertema.

Quanto ao exemplo (8), o referente (objeto abstrato) acompanhado de *wa* é um pseudotópico sentencial, diferentemente do (7), por causa da mudança de cenário: no trecho que começa com a frase (8), a personagem principal está conversando com uma amiga em uma cafeteria, no início da tarde, enquanto no trecho anterior, a mesma personagem está com o marido, em casa, no dia anterior ao trecho no qual se encontra a frase (8), isto é, tanto a hora como o lugar do cenário em que se encontra a personagem principal são completamente diferentes nos dois trechos. Em outras palavras, não é possível para o leitor associar a ligação mútua dos fatos ou objetos concernentes aos dois trechos, pelos vocábulos aí utilizados.

Como a história do trecho, no qual se encontra a frase (8), desenvolve-se com base no cenário (neste caso, cafeteria) onde se encontra a personagem principal, percebe-se que tal referente não constitui, de forma especial, tópico contrastivo.

Neste caso, pode-se observar que o autor apresentou o morfema *wa* (utilizando a estratégia de informatividade) para o componente “*Hirusagari-no cafe-no nigiwai-wa* [A animação do café no início da tarde]” estabelecendo um novo cenário (tempo e lugar), como pseudotópico sentencial. Do ponto de vista funcional, pode-se afirmar que esse componente constitui o *scene-setting topic* [tópico que estabelece a cena], introduzido por Lambrecht (1994)<sup>9</sup>.

Assim, pode-se afirmar que o autor utilizou o *wa* como pseudotópico sentencial, isto é, mesmo o autor supondo/sabendo que tal componente não deve constituir informação dada nem compartilhada pelo receptor, empregou o *wa* como se fosse informação dada, não apenas para chamar a atenção do receptor, mas também para estabelecer um novo cenário como *scene-setting topic*.

## 2.2. Ocorrência de “wa” no interior do texto

Analisemos, agora, do ponto de vista pragmático-discursivo, o morfema *wa* que se encontra no interior do texto. Eis os enunciados encontrados em nosso *corpus*:

(1-3) Exemplos retirados de nosso *corpus*

Exemplos retirados de nosso <i>corpus</i> (As ênfases nos exemplos são nossas.)	Função de <i>wa</i> do ponto de vista da estrutura informativa (Tópico sentencial ou tópico contrastivo)	Quantidade / qualidade informativa de <i>wa</i> para os interlocutores (Informação dada ou nova, no nível pragmático-discursivo)	Fonte

9. Para o teórico, porém, sintaticamente, apenas a oração adverbial pode desempenhar essa função de tópico. No caso da língua japonesa, consideramos que o morfema *wa* pode constituir o *scene-setting*

(1) <i>Mô satsuei-wa sunda no-ka-ne?</i> [Já terminou a filmagem?]	Tópico sentencial	Informação dada	(Banka, p. 10)
(2) <i>Boku-wa [...] sutâ-wa asonde-bakari iru no-ka-to omotte ita.</i> [Eu pensava que [...] os <u>astros</u> só brincavam.]	1º <i>wa</i> : Tópico sentencial; 2º <i>wa</i> : Tópico contrastivo	1º <i>wa</i> : Informação dada 2º <i>wa</i> : Informação dada	(Banka, p. 10)
(3) <i>Kimi-wa totemo kawaii.</i> [Você é muito bonita.]	Tópico contrastivo	Informação dada	(Banka, p. 18)
(4) <i>Ki-wa omae-ga motte iro.</i> [A chave, segure, você!]	Tópico sentencial	Informação dada	(Banka, p. 30)
(5) <i>Taitei-no hito-wa sô desu. ([...] Koida-no aida-no itte irareru no-wa, okyaku-ni nareru hitotachida.)</i> [A maioria das <u>pessoas</u> é assim.] ([...] As pessoas que podem contar sobre paixão ou amor são as pessoas que podem ser hóspedes.)	Tópico contrastivo	Informação nova	(Banka, p. 190)
(6) <i>Hataraitte iru no-wa ..... watashi-dake desu.</i> [ <u>Quem</u> está trabalhando ..... apenas sou eu.]	Tópico sentencial	Informação dada	(Banka, p. 51)

Quanto ao enunciado (1) de (1-3), há um contexto anterior em que dois interlocutores – um astro de TV (rapaz) e um hóspede idoso – encontraram-se por acaso em uma rua, mas logo depois de começarem a conversar, o idoso sugeriu ao rapaz para voltarem à pensão (onde estão hospedados) por causa do horário do café da manhã. Foi nessa situação que o idoso perguntou ao astro de TV, enunciando a frase (1): “*Mô satsuei-wa sunda no-ka-ne?* [Já terminou a filmagem?]”

Como o narrador nem as personagens tinham mencionado a filmagem em questão em contextos anteriores, o leitor não pode saber a qual filmagem o hóspede idoso se referiu no enunciado (1). Porém, a resposta seguinte do rapaz (com relação à pergunta do idoso) esclarece a dúvida do leitor, referente à filmagem: “*Yûbe owatte, bokuigai-*

*topic* quando estiver acoplado pelo sintagma nominal que expressa tempo ou lugar, estabelecendo um novo cenário. Observa-se que o componente em questão, da frase (8), pertence ao sintagma nominal que expressa tempo e lugar.

*wa zen'in Tôkyô-e hikiagemashita* [(a filmagem) Acabou ontem à noite e todos, exceto eu, voltaram para Tóquio.]” Só então, o leitor percebe que o rapaz estava hospedado na pensão por causa da filmagem, e também que o hóspede idoso já possuía essa informação. Em outras palavras, tanto para o rapaz quanto para o hóspede idoso, a realização da filmagem era a informação dada e compartilhada, isto é, o locutor (hóspede idoso) utilizou o morfema *wa* (“*satsuei-wa*”), (pre-)supondo que o destinatário (rapaz, astro de TV) já soubesse do fato ou que estava pronto para reconhecer o referente no momento da enunciação.

Esse fato comprova, também, que, no caso da língua japonesa, o morfema *wa* (com função de tópico sentencial) é um marcador de informação dada, isto é, a informação dada é, léxico-gramaticalmente, marcada pelo morfema *wa* (de tópico sentencial).

Analisemos, agora, o enunciado (2). Observa-se que há dois *wa* no enunciado. A frase (2) foi enunciada pelo hóspede idoso, logo depois do contexto referido no enunciado (1).

No contexto posterior ao (2), o idoso elogia o astro de TV, inclusive a equipe da filmagem, enunciando: “*Min'na yoku hataraku monda-ne* [Todo mundo trabalha bastante, hein!?]”. Por meio desse enunciado, é possível observar que o idoso enunciou, implicitamente, que os astros de TV também trabalham tanto quanto as pessoas comuns que não são ídolo de TV. E daí, nota-se que o idoso utilizou o segundo *wa* (“*sutâ-wa*”), contrastando os artistas de TV com as pessoas comuns, razão pela qual o segundo *wa* constitui tópico contrastivo. (O primeiro *wa* indica tópico sentencial em função do fator contextual.)

Percebe-se, então, que o morfema *wa* de tópico contrastivo produz, às vezes, um sentido negativo<sup>10</sup> (ironia, exclusividade etc.), já que sua função é a de contrastar/comparar “A” com “B” ou a de distinguir “A” de “B”. Em resumo, o locutor (hóspede idoso) utilizou o *wa* com a intenção de produzir não apenas o sentido contrastivo, mas também o irônico. Denominaremos esse tipo de manipulação do produtor, de “*estratégia de tratamento negativo*”

Quando o morfema *wa* indica tópico contrastivo, é preciso bastante atenção, pois, como verificamos no item anterior, o *wa* com função de contraste pode constituir tanto informação dada quanto informação nova.

O segundo *wa* do enunciado (2) constitui informação dada, pois, no contexto anterior, os interlocutores (hóspede idoso e artista de TV) estavam conversando sobre a filmagem, como vimos na análise do enunciado (1). Além disso, o próprio destinatário é um dos astros de TV.

Entretanto, mesmo o receptor não sendo um artista de TV, é possível para o receptor reconhecer que os termos *satsuei* [filmagem (de TV)] e *sutâ* [astros] pertencem ao mesmo campo semântico, baseado em sua vivência/conhecimento de mundo.

10. Esse sentido depende da intenção do locutor, da apreensão do destinatário e do contexto situacional. (Quanto aos detalhes, ver mais adiante.) Dependendo do conteúdo semântico da frase e do contexto situacional, o *wa* de tópico contrastivo pode produzir, também, sentido positivo (elogio, tratamento especial etc.). Denominaremos “*estratégia de tratamento especial*” o ato de o locutor distinguir um elemento de outro, de modo especial, no sentido positivo.

Por exemplo, no lugar do termo “*sutâ*” se houvesse o termo que indica outra profissão, ou aquilo que não pertence ao mesmo campo semântico da filmagem de TV, tal termo constituiria informação nova para o receptor, pois não é possível, para ele, recuperar as relações de sentido tanto anafórico-situacional quanto léxico-gramaticalmente.

O enunciado (3) também é um caso de tópico contrastivo que constitui informação dada.

No contexto anterior ao enunciado (3), há uma moça – funcionária da pensão que começou a namorar com o rapaz (astro de TV) há pouco tempo – falando ao hóspede idoso que, para o astro, o namoro poderia ser um relacionamento não muito sério, pois há muitas moças bonitas que o rodeiam. Foi nessa situação que o idoso enunciou a frase (3).

Em resumo, o locutor (hóspede idoso) utilizou o morfema *wa* para contrastar o destinatário (funcionária) com outras moças bonitas que estão ao redor do rapaz. O componente “*kimi-wa*” é informação dada, pois, além de o termo “*kimi* [você]” referir-se ao destinatário, por meio da utilização do morfema *wa*, o locutor enunciou tal componente, supondo que o destinatário estivesse pronto para reconhecer as relações de sentido contrastivo tanto situacional quanto léxico-gramaticalmente.

No enunciado (4), a função do *wa* é, em termos sintático-semânticos, a de indicar tópico contrastivo<sup>11</sup>. isto é, sintaticamente, o componente “*kî-wa* [a chave]” é objeto direto e, semanticamente, paciente (isto é, não é agente). Porém, se analisarmos o mesmo componente, levando em conta o contexto, verificaremos que sua função será a de indicar tópico sentencial.

Há um contexto em que uma família (que se compõe de marido, esposa e filha) e o professor particular da filha estão tomando o café da manhã no refeitório da pensão onde estão hospedados, e o marido convidou apenas sua filha para dar uma caminhada, mandando sua esposa fazer companhia ao professor (cf. *Banka*, pp. 29-30). A frase (4) foi enunciada, nessa situação, pelo marido. Depois disso, o marido e a filha saem do refeitório, deixando sua esposa e o professor.

Dentro desse contexto (anterior e posterior), observa-se que o locutor (marido) não enunciou o componente “*kî-wa*”, de forma especial, contrastando com outro objeto.

Além do contexto acima, a informação seguinte é importante para se detectar a função de *wa*, de indicar tópico sentencial: sabe-se que, geralmente, os hóspedes levam consigo a chave do quarto (por exemplo, para tomarem o café da manhã no refeitório da pensão). E quando saem da pensão, deixam a chave na portaria.

Em outras palavras, ao tomarmos esse conjunto de informações/ conhecimentos estereotipados do ponto de vista da lingüística cognitiva, podemos dizer que o

11. Tanbo (1986) afirma do ponto de vista sintático, que o *wa* indica mais o tópico contrastivo quando ele não estiver acoplado pelo componente que indica o sujeito gramatical ou sujeito de ação (*i.e.*, quando ele estiver acoplado pelo componente que indica, por exemplo, o objeto direto ou indireto da sentença etc.), e considera do ponto de vista semântico, que o agente (acoplado por *wa*) desempenha a função de indicar mais o tópico sentencial, e o paciente (acoplado por *wa*), o tópico contrastivo.

conhecimento de mundo – especialmente, a noção dos *scripts*<sup>12</sup> [scripts, roteiros] – ajudou o destinatário (esposa) a reconhecer ou inferir a qual chave o locutor estava se referindo.

Assim, não parece estranho surgir, de forma repentina, o termo “*kî*” no meio do contexto acima. De fato, o locutor (marido) utilizou o morfema *wa*, (pre-)supondo que o destinatário já tem conhecimento do que se trata, ou está pronto para reconhecer o objeto em questão no momento em que o componente “*kî-wa*” for enunciado.

No enunciado (5), a função do *wa* é a de indicar tópico contrastivo pelo fator léxico-contextual, isto é, o locutor contrastou o componente “*taitei-no hito-wa* [a maioria das pessoas]” com o componente “*koida-no aida-no itte irareru no-wa* [as pessoas que podem ficar falando sobre paixão ou amor]” Portanto, mesmo o referente “a maioria das pessoas”, surgindo no trecho pela primeira vez, não deverá ser considerado pseudo-tópico sentencial.

Conforme afirma Inoue (1979), do ponto de vista da quantidade/qualidade informacional, o componente “*taitei-no hito-wa* [a maioria das pessoas]” constitui informação nova, tanto no nível da frase quanto no nível do texto/discurso (ver adiante), cujo sintagma nominal contém um conteúdo semântico quantitativo (cf. nota 5). Além disso, esse sintagma não determina ou designa o referente específico, de forma concreta e precisa, como fazem os artigos definidos.

Vejam, a seguir, o contexto anterior ao enunciado (5): há dois interlocutores (um hóspede idoso e uma empresária do rapaz de TV), conversando sobre uma funcionária da pensão onde estão hospedados. O idoso fala à empresária: “*Anoko-wa, koi-yori nani-yori, kon’ya-no shokuji-no shitaku-no koto-de atama-ga ippaidesu-yo* [Aquela moça está muito mais preocupada com os preparativos do jantar para hoje à noite, do que com amor ou qualquer outra coisa, viu?]” (A frase foi enunciada pelo idoso imediatamente antes da frase [5]). O componente “*anoko-wa* [aquela moça]” refere-se, aqui, à funcionária da pensão).

Mesmo levando em conta o contexto anterior referido acima, ao ouvir o componente “*taitei-no hito-wa*” ainda não é possível para o destinatário recuperá-lo, léxico-gramaticalmente, a partir do contexto anterior, e nem reconhecer ou inferir, anafórico-situacionalmente, o que designa (a que se refere) o termo “*taitei-no hito*” no momento da enunciação.

O que o destinatário podia inferir ao ouvir o componente “*taitei-no hito-wa*” é que o locutor ia contrastar “aquela moça” com “a maioria das pessoas” e, de fato, o que ajudou tal inferência foram os morfemas *wa* aí utilizados.

O que levamos em consideração, quanto à postura do locutor que utiliza o *wa* de tópico contrastivo, é o fato de que o locutor se preocupa com a função do morfema *wa*, isto é, a de produzir o sentido contrastivo.

Em outras palavras, o locutor – que introduz o(s) elemento(s) contrastivo(s) – se preocupa menos com a (pre-)suposição dos interlocutores com relação à proposição estruturada pragmaticamente, ou conhecimento/informação que os mesmos possuem em uma dada situação de discurso, já que o maior interesse do locutor é o de contrastar

12. Segundo Ungerer & Schmid (1996, pp. 213-214), a noção dos *scripts* diz respeito ao “*knowledge structure that are particularly designed for frequently recurring event sequences*” (a ênfase é dos próprios autores).

um elemento (oração/frase etc.) com outro, razão pela qual o elemento pode constituir, também, informação nova para o destinatário. O locutor poderá contrastar qualquer referente com o uso de *wa*, independentemente da quantidade informacional que os interlocutores possuem.

Assim, pode-se compreender que o locutor não enunciou, de modo especial, considerando o componente “*taitei-no hito-wa*” como informação dada/compartilhada pelos interlocutores, mas sim, desejando que o destinatário saiba o que esse componente designa, em conseqüência de ouvir o enunciado.

Analisemos, agora, o *wa* do enunciado (6).

Nota-se que a estrutura desse enunciado é pseudo-clivada. Conforme afirmam Vilela & Koch (2001), do ponto de vista da estrutura temática, o componente “*Hataraitte iru no-wa* [Quem está trabalhando]” constitui o rema, enquanto o componente “*watashi-dake desu* [apenas sou eu]” o tema.

Por outro lado, do ponto de vista da estrutura informacional, em conformidade com a posição de Schmid (2002), o primeiro componente constitui o tópico sentencial (*anticipatory focus/secondary focus*), e o segundo, o foco. Segundo o autor, o primeiro componente tem função catafórica, direcionando a atenção dos interlocutores ao segundo componente, isto é, indicando que vem, depois, uma informação importante, razão pela qual o segundo componente se torna o foco da atenção dos interlocutores.

Essa distinção entre tópico sentencial e foco se tornará clara, também, pelo teste de pergunta. De fato, no contexto anterior ao enunciado (6), a empresária do rapaz, ídolo de TV, pergunta à funcionária da pensão: “*Hoka-ni-mo dare-ka iru?* [Há alguém, além de você?]”

Dentro desse contexto, é possível observar que a proposição estruturada pragmaticamente “há mais alguém” constituiu a informação dada situacionalmente para os interlocutores, e o componente focal “*watashi-dake desu*” foi a informação nova para o destinatário (empresária).

Em outras palavras, quando a empresária fez a pergunta para a funcionária da pensão, a proposição acima foi estruturada pragmaticamente, e a funcionária respondeu à empresária, partindo do componente constituído de informação dada ou compartilhada pelos interlocutores no contexto situacional, isto é, ao enunciar o primeiro componente, o locutor utilizou o morfema *wa*, supondo que tal componente era recuperável ou reconhecível tanto anafórico-situacional quanto léxico-gramaticalmente para o destinatário (empresária).

### 3. Síntese Geral

Levando em consideração os resultados da análise realizada no item anterior (1), pode-se reformular a hipótese (1-1) como segue:

#### (2-1) Hipótese

O morfema *wa* tem a função principal de topicalizar um elemento da frase. Do ponto de vista da estrutura informacional, o *wa* de tópico sentencial é simultaneamente marcador de infor-

mação dada, enquanto o *wa* de tópico contrastivo não pode ser marcador de informação dada, já que pode ligar-se, também, aos elementos que indicam informação nova para os interlocutores. Portanto, nem todos os elementos acoplados pelo morfema *wa* constituem elementos de informação dada no nível pragmático-discursivo.

Sintetizando a hipótese (2-1), apresentamos, a seguir, o quadro (2-2), no qual se podem verificar as relações entre os tipos de tópicos e a quantidade/qualidade informacional para os interlocutores, em uma dada situação de discurso:

(2-2) As relações entre os tipos de tópicos e a quantidade/qualidade informacional para os interlocutores

Os tipos de tópicos do componente “X- <i>wa</i> ” do ponto de vista da estrutura informacional	A apreensão do componente “X- <i>wa</i> ” pelos interlocutores em uma dada situação de discurso, do ponto de vista da estrutura informacional (no nível pragmático-discursivo)	Quantidade informacional para os interlocutores	Qualidade informacional para os interlocutores
Pseudotópico sentencial	(1) <sup>1)</sup> Pseudoinformação dada		+
Tópico sentencial	(2) Informação dada	+	
Tópico contrastivo	(3) Informação dada	+	
	(4) Informação nova	-	+

Obs.: Os sinais “+” e “-” significam, respectivamente, mais forte/importante, menos forte/importante.

1) Encontram-se, abaixo, exemplos retirados de nosso *corpus*, correspondentes a cada um dos tipos de tópicos – (1) a (4):

- (1) *Sawayanagi Masashi-wa*, [...] *kono sanpo-wo yameruki-wa nakatta*. [Masashi Sawayanagi [...] não tinha intenção de interromper este hábito de passear.] (cf. [5] de [1-2]);
- (2) *Kî-wa omae-ga motte iro*. [A chave, segure você!] (cf. [4] de [1-3]);
- (3) *Kimi-wa totemo kawaii*. [Você é muito bonita.] (cf. [3] de [1-3]);
- (4) [...] *-to hahaoya-ga iu-to, Kumiko-wa*, [...] *itta*. [Quando a mãe falou [...], Kumiko disse [...].] (cf. [6] de [1-2]);
- (4) *Taitei-no hito-wa sô desu*. [A maioria das pessoas é assim.] (cf. [5] de [1-3]);

Com base na hipótese (2-1), pode-se afirmar que o morfema *wa* de tópico sentencial reflete mais a (pre-)suposição dos interlocutores com relação ao conhecimento ou informação que estes possuem em uma dada situação de discurso, enquanto o morfema *wa* de tópico contrastivo reflete mais o ato de os interlocutores contrastarem

elementos (oração, frase etc.) de forma explícita ou implícita, o que leva a concluir que o *wa* de tópico contrastivo pode se ligar, também, ao elemento que indica informação nova.

Em outras palavras, o *wa* de tópico sentencial apresenta grau mais alto de (pre-)suposição no ato de comunicação (se comparado ao tópico contrastivo), já que o locutor introduz um referente acompanhado do *wa*, (pre-)supondo a informação/conhecimento (concernente a esse referente), de que o destinatário é possuidor, havendo, portanto, certas restrições lexicais quanto à escolha do referente que indica o tópico sentencial, para os interlocutores o apresentarem no momento da enunciação.

Com relação ao tópico sentencial constituído de informação dada, os lingüistas ocidentais (cf. Chafe, 1970; van Dijk, 1977; Lyons, 1977, dentre outros) consideram, também, que há restrições quanto à sua utilização no ato de comunicação, quando os interlocutores tentam topicalizar um referente familiar ou compartilhado por eles. Chafe (1970), por exemplo, ressalta o conceito de familiaridade lexical como precondição para a atualização da informação dada.

Em outras palavras, pode-se afirmar que, para o *wa* de tópico sentencial constituído de informação dada, o grau de (pre-)suposição será mais elevado no nível pragmático-discursivo, enquanto o grau de familiaridade será mais alto no nível semântico-lexical, para os interlocutores, no ato de comunicação.

Por outro lado, o *wa* de tópico contrastivo apresenta grau mais baixo de (pre-)suposição no ato de comunicação (se comparado ao tópico sentencial), pois o mais importante para o locutor no ato de comunicação é apresentar um(s) referente(s) com função contrastiva, utilizando os fatores lexical, estrutural e contextual, independentemente da quantidade relativa informacional (concernente a esse(s) referente(s)), de que o destinatário é possuidor.

Esse fato levou o teórico Noda (1995) a considerar que o *wa* de tópico sentencial está relacionado à “topicalização mais subjetiva” enquanto o *wa* de tópico contrastivo, à “topicalização mais objetiva”. A razão de o tópico contrastivo estar ligado à topicalização mais objetiva está no fato de que, na verdade, estruturalmente, o *wa* estabiliza-se, via de regra, dentro da camada do *dictum* (conteúdo objetivo do enunciado), isto é, sem modificar a camada do *modus* (atitude subjetiva do locutor com relação ao *dictum*) (cf. Noda, 1995).

Porém, verificamos no item 1.2., que o *wa* de tópico contrastivo, às vezes, produz sentido negativo (ironia, exclusividade etc.), assim como desempenha a função de distinguir “A” de “B” ou a de comparar “A” com “B”

Levando em consideração esse fato, pode-se afirmar que, do ponto de vista estrutural, o *wa* de tópico contrastivo tem caráter mais objetivo (se comparado ao tópico sentencial), mas, do ponto de vista pragmático-discursivo, pode, também, tornar-se subjetivo, mostrando a atitude individual/particular do locutor, dependendo do contexto situacional.

Em outras palavras, a função de *wa* de produzir sentido contrastivo – especialmente o irônico – depende da atitude ou intenção do próprio locutor e da apreensão dessa atitude do locutor por parte do destinatário.

Quanto ao *wa* de pseudotópico sentencial, pode-se dizer que, como o tópico contrastivo, também é mais unilateral e menos interacional, já que o enunciador apresenta um referente considerando ser este já do conhecimento do receptor.

Nota-se, então, que esse *wa* apresenta o grau mais alto de estratégia comunicativa (se comparado aos outros dois tipos de tópico), pois o produtor introduz um referente novo na frase de abertura ou no início/meio da conversa, de maneira repentina, mesmo sabendo que tal referente não deve constituir informação dada ou compartilhada pelo receptor. Em outras palavras, o produtor do discurso utiliza a estratégia de informatividade ou de inferência, considerando, de forma secundária, a (pre-)suposição mútua entre os participantes do texto ou discurso e a familiaridade lexical com relação ao vocábulo acompanhado de *wa*, razão pela qual o grau de (pre-)suposição e de familiaridade lexical para os participantes são mais baixos do que o tópico sentencial.

Levando em consideração esta síntese geral, podemos sistematizá-la conforme o quadro abaixo (cf. [2-3]):

(2-3) As estratégias discursivas/comunicativas, utilizadas pelo produtor do discurso

Os tipos de tópicos do componente “X-wa” introduzido pelo produtor	As estratégias discursivas/comunicativas, utilizadas pelo produtor	O grau de Est., Supo., Tóp., e Cont., ao produtor utilizar o “X-wa”	
Pseudotópico sentencial	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estratégia de informatividade do produtor;</li> <li>– Estratégia de inferência do produtor;</li> <li>– Atração da atenção do receptor, para aguçar sua curiosidade;</li> <li>– Estabelecimento do <i>scene-setting topic</i> [tópico que estabelece a cena], para a mudança de cenário/assunto de conversa.</li> </ul>	Est. Supo. Tóp. Cont.	++  ±
Tópico sentencial	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estratégia de associação lexical do produtor;</li> <li>– Estabelecimento do tópico sentencial ou discursivo;</li> <li>– Omissão de uma explicação introdutória concernente ao referente “X”, isto é, apresentação rápida de um referente constituído de informação dada/compartilhada pelos interlocutores, em uma dada situação de texto/discurso.</li> </ul>	Est. Supo. Tóp. Cont.	++ ++
Tópico contrastivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estratégia de contraste do produtor (Apresentação de um referente contrastivo de forma explícita ou implícita);</li> <li>– Estratégia de tratamento negativo do produtor (Intenção de produzir sentido negativo, tais como ironia, exclusividade etc.);</li> </ul>	Est. Supo. Tóp. Cont.	±  ++

	– Estratégia de tratamento especial do produtor (Intenção de produzir sentido positivo, tais como elogio, tratamento especial etc.).		
--	--	--	--

[Obs.: Os sinais “+”, “-” e “±” significam, respectivamente, mais forte/importante, menos forte/importante, e mais ou menos forte/importante, dependendo do contexto situacional.

Est. = Estratégia utilizada pelo produtor; Supo. = Suposição do produtor com relação à informação ou conhecimento (concernente ao referente “X”) do receptor; Tóp. = Tópico sentencial; Cont. = Contraste.]

#### 4. Conclusões

Com o intuito de procurarmos certas explicações concernentes aos fenômenos léxico-gramaticais das línguas naturais, em particular, o morfema *wa* da língua japonesa, procuramos verificar, neste estudo, que é indubitavelmente condição indispensável a visão pragmática para a análise das funções/sentidos e, especialmente, a análise do uso desse morfema pelos interlocutores.

Em outras palavras, procuramos corroborar o pressuposto – apresentado pelo teórico Lambrecht (1994) – de que os fenômenos lingüísticos (*e.g.*, a ordem das palavras, a escolha/uso de certos morfemas, e algumas estruturas sintáticas etc.) são representados, de forma lexical e gramatical, conforme os fatores pragmáticos, tais como a (pre-) suposição dos interlocutores com relação à proposição estruturada pragmaticamente (cf. nota 4), ao conhecimento mútuo dos interlocutores, e à informação dada e nova do conteúdo do enunciado a ser transmitido em um dado contexto situacional. Por essa razão, tomamos como base, em nossa análise, os postulados da Pragmática Funcionalista, em particular, da Teoria de Estrutura Informacional, na qual se configuram as noções de tópico/foco e de informação dada/nova.

Partindo dessa abordagem teórica, procurou-se analisar o morfema *wa* no nível pragmático-discursivo, com enfoque na estrutura informacional, em particular, nas relações entre a (pre-)suposição dos interlocutores e a quantidade/qualidade informacional do conteúdo do enunciado em uma dada situação de discurso.

Através da nossa análise, verificou-se que o *wa* de tópico sentencial constitui apenas informações dadas, enquanto o *wa* de tópico contrastivo, tanto informações dadas quanto novas para os interlocutores.

Essa constatação permitiu-nos afirmar que, quando o locutor introduz o tópico sentencial no ato de comunicação, preocupa-se com a informação ou conhecimento do destinatário, isto é, (pre-)supõe que o referente “X” já é informação dada/preestabelecida ou compartilhada pelos interlocutores, inclusive a informação compartilhada situacionalmente em um dado contexto<sup>13</sup>.

13. Com base em nossa conclusão, em um diálogo cotidiano, por exemplo, pode-se afirmar, do ponto de vista da estrutura informacional, que existem mais informações/conhecimentos compartilhados entre os interlocutores que têm maior intimidade, se comparados aos interlocutores que pouco se conhecem, o que nos levou a considerar que se constatarão mais ocorrências do morfema *wa* de tópico sentencial no diálogo entre os interlocutores íntimos.

Comparado ao diálogo face-a-face, em um diálogo ao telefone, por sua vez, devem se constatar menos ocorrências do morfema *wa* de tópico sentencial, pois, no diálogo face-a-face, os interlocutores podem

Em resumo, o locutor tenta apresentar, em termos semântico-lexicais, um vocábulo familiar ou compartilhado entre os interlocutores, (pre-)supondo que o destinatário deve ter conhecimento desse vocábulo, ou está pronto para reconhecê-lo no momento da enunciação. Isso significa que, quanto à escolha de um tópico sentencial, há restrições tanto semântico-lexicais (a escolha de uma lexia familiar) quanto pragmático-discursivas (o processo mental de (pre-)suposição mútua), para os interlocutores no ato de comunicação.

No nosso artigo anterior (cf. nota 1), verificou-se que o teórico japonês Matsushita (1930) enfatizou, o nível da concepção, isto é, o processo mental *antes* da enunciação, afirmando que o elemento “X” do componente “X-wa” diz respeito a um conceito predeterminado (isto é, informação dada para os interlocutores), o qual já deve estar previamente conceptualizado na mente dos interlocutores, enquanto Sakuma (1953) ressaltou, no nível da realização, o processo mental *depois* da enunciação, afirmando que, quando o locutor apresentar uma questão como tópico sentencial, com o uso do morfema *wa*, a esfera da ação mental – principalmente, o julgamento dos interlocutores – será limitada a tal tópico, isto é, o tópico sentencial, enfim, acaba elucidando o limite (esfera razoável/racional) de julgamento dos interlocutores e do enunciado.

Quanto ao morfema *wa* que indica tópico contrastivo, por outro lado, constatou-se que esse constitui tanto informação dada quanto informação nova para os interlocutores, o que nos levou a concluir que os usuários de tal tópico se preocupam mais com o ato de contrastar, de forma explícita, o elemento (ou oração) “X<sub>1</sub>” com o “X<sub>2</sub>” ou o de produzir um sentido contrastivo “X<sub>2</sub>” de forma implícita (neste caso, o elemento “X<sub>2</sub>” não será representado, necessariamente, em termos de formas lexicais em função do componente “X<sub>1</sub>-wa”).

Verificou-se, também, que os interlocutores utilizam o *wa* de tópico contrastivo, com a intenção de produzir, além do sentido contrastivo, um sentido negativo (ironia, exclusividade etc.), utilizando-se, portanto, da estratégia de contraste ou da estratégia de tratamento negativo (cf. item 1.2.).

Levando-se em consideração essas características dos dois tipos de morfema *wa*, conclui-se que o morfema *wa* de tópico sentencial está ligado mais à estrutura informacional e ao ato de (pre-)suposição mútua dos interlocutores quanto às informações/conhecimentos que possuem em uma dada situação de discurso, enquanto o *wa* de tópico contrastivo está ligado mais à estrutura ou contexto contrastivo, independentemente da estrutura informacional e do ato de (pre-)suposição mútua dos interlocutores.

Em outras palavras, quando o locutor introduz o *wa* de tópico sentencial, sua atitude com relação ao destinatário é mais cooperativa e recíproca, sendo alto o grau de (pre-)suposição no ato de comunicação (cf. item 2.). Isso nos levou a designar esse *wa*, considerado do ponto de vista pragmático-discursivo, de “*wa* pressuposto-cooperativo”. Por outro lado, quando o locutor introduz o *wa* de tópico contrastivo, com a intenção

topicalizar, em termos situacional-cognitivos, um(s) referente(s) existente(s) no local onde eles realizam o ato de comunicação. Os assuntos relativos ao ponto de vista cognitivo serão tratados como tema de estudos futuros.

de ressaltar o sentido contrastivo de forma explícita ou implícita, sua atitude com relação ao destinatário é mais unilateral e menos cooperativa, o que nos levou a designar esse *wa*, considerado do ponto de vista pragmático-discursivo, de “*wa* unilateral-estratégico”<sup>14</sup>.

Em resumo, o *wa* de tópico sentencial é mais biunívoco (bilateral) e interacional para os interlocutores (locutor <→ destinatário), enquanto o *wa* de tópico contrastivo é mais unilateral e menos interacional (locutor → destinatário).

A identificação das funções de *wa* pelos interlocutores depende, enfim, além dos fatores lexical, estrutural e contextual, da postura<sup>15</sup> dos próprios interlocutores com relação à maneira de topicalizar: a maneira mais pressuposto-cooperativa ou a unilateral-estratégica.

Com base na conclusão acima, é preciso ressaltar, ainda, que, quanto ao morfema *wa* da língua japonesa, é o *wa* de tópico sentencial que é, especialmente, representado, de forma lexical e gramatical, refletindo o estado mental no sentido mais restrito, isto é, a (pre-)suposição dos interlocutores, referente à proposição estruturada pragmaticamente, ao conhecimento mútuo dos interlocutores, ou à quantidade relativa informacional que os mesmos possuem em um dado contexto.

Porém, independentemente do tipo do morfema *wa* (seja tópico sentencial, seja contrastivo), ressalte-se que, na verdade, o *wa* da língua japonesa é um morfema que reflete, também, intencionalidades<sup>16</sup> impressas pelos interlocutores: emoção, volição e, principalmente, as estratégias comunicativas, tais como a estratégia de associação lexical, a de contraste, a de tratamento negativo etc. (cf. quadro [2-3]).

Em outras palavras, a escolha e o uso desse morfema pelos interlocutores dependem não apenas da relação gramatical, em termos sintático-semânticos, ou da progressão temática proposta por Daneš, mas também dos próprios usuários, em particular, de seu estado mental no sentido mais amplo.

Nesse sentido, pode-se concluir, então, que, do ponto de vista pragmático-discursivo, o morfema *wa* da língua japonesa é, além de ser um morfema que indica a quantidade e qualidade informacional, um morfema que é representado, de forma léxico-gramatical, refletindo não apenas a (pre-)suposição com relação à informação/conhecimento que os interlocutores possuem (*i.e.*, estado mental no sentido restrito),

14. O morfema *wa* de pseudotópico sentencial (referido no item 1.1.) também diz respeito ao “*wa* unilateral-estratégico”, pelo fato de que o locutor apresenta um elemento acompanhado de *wa* como se a informação do elemento fosse dada ou compartilhada pelos interlocutores, isto é, o pseudotópico sentencial constitui, na verdade, via de regra, informação nova para o destinatário.
15. Mesmo o locutor (pre-)supondo que o destinatário está pronto para reconhecer o referente topicalizado com o *wa* (*i.e.*, *wa* pressuposto-cooperativo), há algumas situações em que o destinatário não o reconhece no momento da enunciação. Se o referente não for o tópico contrastivo (*i.e.*, se for o tópico sentencial) no contexto, esse referente deverá constituir, para o destinatário, um pseudotópico sentencial (*i.e.*, *wa* unilateral-estratégico). Quando ocorre tal desentendimento entre os interlocutores em um diálogo, o locutor deve/pode modificar sua (pre-)suposição com relação à informação/conhecimento que o destinatário possui, e deve/pode introduzir certas explicações concernentes a esse referente para o destinatário.
16. Demos um enfoque especial, neste estudo, aos aspectos pragmático-discursivos, principalmente, a (pre-)suposição dos interlocutores e a estrutura informacional. Portanto, o assunto relativo à subjetividade do locutor será tratado, de forma mais acurada, como tema de estudos futuros.

mas também as intencionalidades imprimidas ou estratégias comunicativas utilizadas por esses interlocutores em uma dada situação de discurso (*i.e.*, estado mental no sentido amplo)<sup>17</sup>

## *Bibliografia*

- ANDÔ, Sadao. “Nihongo no ‘wa’ to ‘ga’ no kinô ni tsuite (“Sobre as Funções dos Morfemas ‘wa’ e ‘ga’ da Língua Japonesa”). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 7, pp. 64-78, 1980.
- ANTONIO, Juliano Desiderato. “Fluxo de Informação e Estrutura Argumental Preferida em Narrativas Orais e em Narrativas Escritas” In: ANTONIO, Juliano Desiderato (org.). *Estudos Descritivos do Português: Níveis de Análise*. 1ª ed. São Carlos, Editora Claraluz, 2002.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to Do Things with Words*. 2ª ed. Oxford, Oxford University Press, 1976 (1ª ed., 1962).
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de & DRESSLER, Wolfgang U. *Tekusuto gengogaku nyûmon (Introduction to Text Linguistics)*. Tradução: Yoshihiko Ikegami *et al.* 1ª ed. Tóquio, Kinokuniya Shoten, 1984. Tradução de: *Introduction to Text Linguistics* (Ed. Original: Londres, Longman, 1981).
- BEKEŠ, Andrej. “Bunmyaku kara mita shudaika to ‘wa’ ” (“A Tematização Vista a partir do Contexto e o Morfema ‘Wa’ ”). In: MASUOKA, Takashi; NODA, Hisashi & NUMATA, Yoshiko (orgs.). *Nihongo no shudai to toritate (Tema e Topicalização da Língua Japonesa)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997, pp. 155-174 (1ª ed., 1995).
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral (Problèmes de linguistique générale)*. Tradução: Maria da Gória Novak & Luiza Neri; Revisão: Isaac Nicolau de Salum. São Paulo, Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. Tradução de: *Problèmes de linguistique générale*.
- BLAKE, Barry J. *Case*. 1ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- BROWN, Gillian & LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some Universals of Language Usage*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse Analysis*. Reimpresso, Cambridge, Cambridge University Press, 1998 (1ª ed., 1983).
- CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *Gramática do Português Falado, Vol. I: Ordem*. 3ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
- CHAFE, Wallace L. *Significado e Estrutura Lingüística (Meaning and the Structure of Language)*. Tradução: Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Cam-

17. Estamos, ainda, conscientes da importância da realização tanto de estudos contrastivos entre a língua japonesa e a portuguesa, quanto das áreas relacionadas ao nosso estudo, tais como a Pragmática Conversacional, a Pragmática Cognitiva, a Psicolingüística, mas não nos foi possível darmos conta de tal tarefa em nosso trabalho. Só nos foi possível enfocarmos a análise do morfema *wa* da língua japonesa, do ponto de vista lingüístico, – pragmático-funcional/discursivo, ficando, portanto, aquelas pesquisas postergadas, como tema de estudos futuros.

Mesmo assim, esperamos que nosso estudo tenha trazido, ao campo da Pragmática Funcionalista (principalmente, a Teoria da Estrutura Informacional), ainda que de forma modesta, algumas contribuições para a compreensão do funcionamento do morfema *wa* da língua japonesa moderna, principalmente, as relações entre suas funções e a postura dos usuários desse morfema.

- pos e Sonia Veasey Rodrigues.) Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1979. Tradução de *Meaning and the Structure of Language* (Ed. original, 1970).
- \_\_\_\_\_. “Givenness, Contrastiveness, Definiteness, Subjects, Topics, and point of View”. In: LI, Charles N. (org.). *Subject and Topic*. Nova York, Academic Press Inc., 1976.
- CLARK, Herb. H. & CLARK, E. V. *Psychology and Language: An introduction to psycholinguistics*. Nova York, Harcourt, Brace, Jovanovich, 1977.
- CREIDER, Chet A. “On the explanation of transformations”. In: GIVÓN, Talmy (org.). *Syntax and Semantics, vol. 12: Discourse and Syntax*. San Diego, Academic Press, 1979, pp. 3-21.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 10ª ed. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1994 (1ª ed., 1984).
- DANEŠ, František. “Functional sentence perspective and the organization of the text”. In: DANEŠ, František (org.). *Papers on Functional Sentence Perspective*. Praga, Academic Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974, pp. 106-128.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Lingüística (dizer e não dizer) (Dire et ne pas dire)*. Tradução: Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo, Editora Cultrix (Ed. da Universidade de São Paulo), 1977. Tradução de: *Dire et ne pas dire* (Ed. original, 1972).
- \_\_\_\_\_. *O Dizer e o Dito (Le dire et le dit)*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, Pontes, 1987. Tradução de: *Le dire et le dit*.
- ENKVIST, Nils Erik. “Definindo o Estilo” In: GREGORY, Michael J (org.). *Lingüística e Estilo (Linguistics and Style)*. Tradução: Wilma A. Assis. 2ª ed. São Paulo, Editora Cultrix (Ed. da Universidade de São Paulo), 1974, pp. 15-72. Tradução de: *Linguistics and Style* (Ed. original, Londres, Oxford University Press, 1964).
- ERTESCHIK-SHIR, Nomi. “Topic-chaining and dominance-chaining” In: TOBIN, Yishai (org.). *The Prague School and Its Legacy: In Linguistics, Literature, Semiotics, Folklore, and the Arts, vol. 27*. Amsterdã, John Benjamins Publishing Company, 1988, pp. 145-153.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. 4ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Lingüística Textual: Introdução*. 4ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 1998. (Série gramática portuguesa na pesquisa e no ensino; 9)
- FILLMORE, Charles J. “The case for case”. In: BACH, Emmon & HARMS, Robert T. (orgs.). *Universals in Linguistic Theory*. 1ª ed. Nova York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968, pp. 1-88.
- \_\_\_\_\_. “Pragmatics and the description of discourse”. In: COLE, Peter (org.). *Radical Pragmatics*. Nova York, Academic Press, 1981, pp. 143-166.
- FIRBAS, Jan. “On defining the theme in functional sentence analysis”. In: DANEŠ, F. et al. (orgs.). *Travaux Linguistiques de Prague, 1*. University of Alabama Press, 1964, pp. 267-280.
- FIRTH, J. R. “Personality and language in society” In: FIRTH, J. R. *Papers in Linguistics 1934-1951*. Reimpresso, Londres, Oxford University Press, 1964 (1ª ed., 1957), pp. 177-189.
- FONSECA, Joaquim. *Pragmática Lingüística: Introdução, Teoria e Descrição do Português*. 1ª ed. Porto, Porto Editora, 1994 (Col. Lingüística, Porto Editora, n. 5).
- FONTAINE, Jacqueline. *O Círculo Lingüístico de Praga*. Tradução: João Pedro Mendes. São Paulo, Editora Cultrix (Ed. da Universidade de São Paulo), 1978.
- FUKASAWA, Lídia Masumi. *O Sistema de Estruturação das Modalidades na Língua Japonesa – Os Auxiliares Verbais e os Morfemas Finais*. São Paulo, 1991. 434 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. “As Teorias Japonesas sobre a Enunciação – Uma Etapa Fundamental para a Investigação das Modalidades no Japonês”. *Estudos Japoneses*. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, vol. 11, pp. 33-57, 1991.

- \_\_\_\_\_. “A Função Modalizadora dos Auxiliares Verbais da Língua Japonesa”. *Estudos Japoneses*. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, vol. 12, pp. 37-61, 1992.
- GIVÓN, Talmy. “From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy”. In: GIVÓN, Talmy (org.). *Syntax and Semantics, vol. 12: Discourse and Syntax*. San Diego, Academic Press, 1979, pp. 81-112.
- GIVÓN, Talmy (org.). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1983.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. Nova York, Doubleday, 1967.
- GRICE, H. Paul. “Logic and conversation” In: COLE, Peter & MORGAN, Jerry L. (orgs.). *Syntax and Semantics, vol. 3: Speech Acts*. San Diego, Academic Press, 1975, pp. 41-58.
- GRÚPU JAMASHII (org.). *Nihongo bunkei jiten (Dicionário das Estruturas da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1998.
- GUINSBURG, J (org.). *Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978 (Col. ELOS, n. 17).
- HAGA, Yasushi. *Gendai nihongo no bunpô (Gramática da Língua Japonesa Moderna)*. 1ª ed. Tóquio, Kyôiku Shuppan, 1978.
- HAJICOVÁ, Eva. “Topic/focus and related research”. In: LUELSBORFF, Philip A. (org.). *The Prague School of Structural and Functional Linguistics: A Short Introduction, vol. 41*. Amsterdã, John Benjamins Publishing Company, 1994, pp. 245-275.
- HALLIDAY, M. A. K. “Notes on transitivity and theme in English. Part 2”. *Journal of Linguistics*, 3, pp. 199-244, 1967.
- \_\_\_\_\_. “Estrutura e Função da Linguagem” Tradução: Jesus Antônio Durigan. In: LYONS, John (org.). *Novos Horizontes em Lingüística (New Horizons in Linguistics)*. São Paulo, Editora Cultrix (Ed. da Universidade de São Paulo), 1976, pp. 134-160 (Ed. original, 1970).
- \_\_\_\_\_. “Dimensions of discourse analysis: Grammar”. In: VAN DIJK, Teun Adrianus (org.). *Handbook of Discourse Analysis: vol. 2 Dimensions of Discourse*. Orlando, Florida, Academic Press Inc., 1985, pp. 29-56.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres, Longman, 1976.
- HASAN, Ruqaiya & FRIES, Peter H. (orgs.). *On Subject and Theme: A Discourse Functional Perspective*. Reimpresso, Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1997 (1ª ed., 1995).
- HASHIMOTO, Shinkichi. *Joshi/jodôshi no kenkyû (Estudos dos Morfemas e dos Auxiliares Verbais)*. 3ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1973 (1ª ed., 1969).
- HASHIUCHI, Takeshi. *Discourse*. 1ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1999.
- HINDS, John. “Topic continuity in Japanese (1)”. In: GIVÓN, Talmy (org.). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1983, pp. 43-93.
- \_\_\_\_\_. “Thematization, assumed familiarity, staging, and syntactic binding in Japanese” In: HINDS, John; MAYNARD, Senko K. & IWASAKI, Shoichi (orgs.). *Perspectives on Topicalization: The Case of Japanese “Wa”* 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1987, pp. 83-106.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Reimpresso, Cambridge, Cambridge University Press, 1994 (1ª ed., 1993).
- HORIGUCHI, Kazuyoshi. “Wa” no hanashi (Explicações sobre o Morfema “Wa”). 1ª ed. Tóquio, Hitsuji Shobô, 1995.
- HORN, Laurence R. “Pragmatic theory” In: NEWMWYER, Frederick J. (org.). *Linguistics: The Cambridge Survey. Vol. 1: Linguistic Theory: Foundations*. Reed. Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 113-145 (1ª ed., 1988).

- IKEGAMI, Yoshihiko. “Tekusuto to tekusuto no kôzô” (“O Texto e a Estrutura Textual”). *Danwa no kenkyû to kyôiku I (Estudos do Discurso e Ensino I)*. Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, pp. 5-42, 1983 (Col. Nihongo Kyôiku Shidô Sankôsho, n. 11).
- ILARI, Rodolfo. *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. 2ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 8ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1998.
- IMAI, Kunihiko. *Goyôron eno shôtai (Convite para a Pragmática)*. 1ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 2001.
- INOUE, Kazuko. “Furui jôhôtei/atarashii jôhôtei” (“Informação Dada/Nova”). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 8, n. 10, pp. 22-34, 1979.
- IWASAKI, Shoichi. “Identifiability, scope-setting, and the particle wa: A study of Japanese spoken expository discourse”. In: HINDS, John; MAYNARD, Senko K. & IWASAKI, Shoichi (orgs.). *Perspectives on Topicalization: The Case of Japanese “Wa”* 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1987, pp. 107-141.
- KAMEYAMA, Megumi. “Danwa bunseki: Seigôsei to kessokusei” (“Análise do Discurso: Coerência e Coesão”). In: TAKUBO, Yukinori (org.). *Danwa to bunmyaku (Discurso e Contexto)*. 1ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1999, pp. 93-121.
- KAMIO, Akio. *Jôhôtei no nawabari riron (Teoria dos Territórios de Domínio da Informação)*. 3ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1996 (1ª ed., 1990).
- KATO, Mary A. “Formas de Funcionalismo na Sintaxe” *D.E.L.T.A. (Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada)*, São Paulo, PUC-SP, vol. 14, n. especial, pp. 145-168, 1998.
- KAWAKAMI, Seisaku. “Kôzô kara kinôtei e” (“Da Estrutura para a Função”). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 12, pp. 14-21, 1980.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- KEMPSON, Ruth M. *Teoria Semântica (Semantic Theory)*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980. Tradução de: *Semantic Theory* (Ed. original, 1977).
- KITAHARA, Yasuo. *Nihongo no bunpôtei (Gramática da Língua Japonesa)*. Reimpresso, Tóquio, Chûôkôronsha, 1993 (1ª ed., 1981) (Col. Nihongo no sekai, n. 6).
- KITAGAWA, Yoshihisa. *Subjects in Japanese and English*. 1ª ed. Nova York, Garland Publishing, Inc., 1994 (Originally presented as the author’s doctoral thesis at the University of Massachusetts in 1986).
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A Coesão Textual*. 7ª ed. São Paulo, Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e Linguagem*. 6ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 5ª ed. São Paulo, Contexto, 2001 (1ª ed., 1997).
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. 8ª ed. São Paulo, Contexto, 1998.
- KOCH, Ingedore Grunfeld *et al.* “Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado”. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do Português Falado, vol. 1: A Ordem*. 2ª ed. Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp, 1991, pp. 143-184.
- KOIZUMI, Tamotsu (org.). *Nyûmon – Goyôron kenkyû – Riron to ôyôtei (Introdução – Estudos de Pragmática – Teoria e Aplicação)*. 1ª ed. Tóquio, Kenkyûsha, 2001.
- KOKUGO GAKKAI (org.). *Kokugogaku dai jiten (Grande Dicionário dos Estudos da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Tôkyôdô Shuppan, 1980.
- KUNO, Susumu. *The Structure of Japanese Language*. 11ª ed. Massachusetts, The MIT Press, 1996 (1ª ed., 1973a).
- \_\_\_\_\_. *Nihon bunpôtei kenkyû (Estudos da Gramática da Língua Japonesa)*. 17ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1996 (1ª ed., 1973b).

- \_\_\_\_\_. “Subject, Theme, and the Speaker’s Empathy – A Reexamination of Relativization Phenomena”. In: LI, Charles N. (org.). *Subject and Topic*. Nova York, Academic Press, Inc., 1976, pp. 417-444.
- \_\_\_\_\_. *Danwa no bunpô (Gramática do Discurso)*. 2ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1980 (1ª ed., 1978).
- \_\_\_\_\_. *Functional Syntax – Anaphora, Discourse and Empathy*. 1ª ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1987.
- KURZON, Dennis. “The theme in text cohesion”. In: TOBIN, Yishai (org.). *The Prague School and Its Legacy: In Linguistics, Literature, Semiotics, Folklore, and the Arts*, vol. 27. Amsterdã, John Benjamins Publishing Company, 1988, pp. 155-162.
- LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus and the Mental Representations of Discourse Referents*. Reimpresso, Nova York, Cambridge University Press, 1998 (1ª ed., 1994) (Cambridge Studies in Linguistics, n. 71).
- \_\_\_\_\_. “The pragmatics of case: On the relationship between semantic, grammatical, and pragmatic roles in English and French”. In: SHIBATANI, Masayoshi & THOMPSON, Sandra (orgs.). *Essays in Semantics and Pragmatics: In Honor of Charles J. Fillmore*. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1995, pp. 145-190 (Pragmatics & Beyond, New Series, n. 32).
- LEECH, Geoffrey. *Principles of Pragmatics*. 8ª ed. Singapura, Longman Singapore Publishers, 1991 (1ª ed. 1983) (Longman linguistics library; 30).
- LEHMAN, Christina. “A re-analysis of givenness: Stress in discourse”. In: BEACH, Woodford A.; FOX, Samuel E. & PHILOSOPH, Shulamith (orgs.). *Papers from the Thirteenth Regional Meeting, Chicago Linguistic Society*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1977, pp. 316-324.
- LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João; KATO, Mary; ORSINI, Mônica; RODRIGUES, Violeta & COSTA, Elenice. “Tópicos e Adjuntos”. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de & BASÍLIO, Margarida (orgs.). *Gramática do Português Falado. Vol. IV: Estudos Descritivos*. 1ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1996, pp. 321-339.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Reimpresso, Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1ª ed., 1983).
- LI, Charles N. & THOMPSON, Sandra A. “Subject and Topic: A New Typology of Language” In: LI, Charles N. (org.). *Subject and Topic*. Nova York, Academic Press, Inc., 1976.
- LYONS, John. *Semantics: vol. 2*. 1ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1977.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2000.
- MASUOKA, Takashi. *Meidai no bunpô (Gramática da Proposição)*. 4ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1995 (1ª ed., 1987).
- \_\_\_\_\_. *Nihongo bunpô no shosô (Aspectos da Gramática Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 2000.
- MASUOKA, Takashi; NODA, Hisashi & NUMATA, Yoshiko (orgs.). *Nihongo no shudai to toritate (Tema e Topicalização da Língua Japonesa)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997 (1ª ed., 1995).
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1994 (1ª ed., 1989) (Col. Universitária, série Lingüística).
- MATSUMURA, Akira (org.). *Nihon bunpô dai jiten (Grande Dicionário de Gramática da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Meiji Shoin, 1971.
- MATSUSHITA, Daizaburô. *Hyôjun nihon kôgohô (Regras Gramaticais da Língua Falada do Japonês Padrão)*. Reed. aum. e org. por Masanobu Tokuda. Tóquio, Benseisha, 1977 (Ed. original, 1930).

- MAYNARD, Senko K. "Thematization as a staging device in the Japanese narrative". In: HINDS, John; MAYNARD, Senko K. & IWASAKI, Shoichi (orgs.). *Perspectives on Topicalization: The Case of Japanese "Wa"*. 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1987, pp. 57-82.
- . *Discourse Modality: Subjectivity, Emotion and Voice in the Japanese Language*. 1ª ed. Amsterdã, John Benjamins Publishing Co., 1993 (Pragmatics & Beyond: New Series, n. 24).
- . *Kaiwa bunseki (Análise da Conversação)*. 3ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997 (1ª ed., 1993).
- . *Danwa bunseki no kanôsei (Possibilidades da Análise do Discurso)*. 1ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997.
- MEY, Jacob L. *Pragmatics: An Introduction*. 2ª ed. Oxford, Blackwell Publishers Ltd., 2001 (1ª ed. 1993).
- MIKAMI, Akira. *Gendaigohô josetsu – Shintakusu no kokoromi – (Introdução às Regras Gramaticais do Japonês Moderno – Uma Tentativa para a Sintaxe)*. 1ª ed. Tóquio, Tôe Shoin, 1953.
- . *Zô wa hana ga nagai (O Elefante, sua Tromba é Longa)*. 24ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1996 (1ª ed., 1960).
- MILLER, Laura. "Verbal listening behavior in conversations between Japanese and Americans". In: BLOMMAERT, Jan & VERSCHUEREN, Jef (orgs.). *The Pragmatics of Intercultural and International Communication*. Amsterdã, John Benjamins, 1991, pp. 111-130 (Pragmatics & Beyond: New Series, 6:3).
- MINAMI, Fujio. *Gendai nihongo no kôzô (A Estrutura da Língua Japonesa Moderna)*. 10ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1994 (1ª ed., 1974).
- MIYATA, Kôichi. "Kakujoshi to toritate joshi" ("Morfemas de Caso e de Topicalização"). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 12, pp. 68-77, 1980.
- MÔRI, Yoshinobu. "Goyôron towa nani ka" ("O que é a Pragmática?"). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 12, pp. 4-12, 1980.
- MORISHIGE, Satoshi. "Kakari-musubi no genri" ("Princípios do grammatical adverb-predicate correspondence"). *Kokugo kokubun (Língua e Literatura Japonesa)*, Quióto, Kyôto Daigaku Kokubun Gakkai, vol. 22, n. 5, pp. 1-18, 1953.
- MORITA, Yoshiyuki. *Nihongo no shiten (O Ponto de Vista da Língua Japonesa)*. 3ª ed. Tóquio, Sôtakusha, 1996 (1ª ed., 1995).
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Significação e Contexto: Uma Introdução a Questões de Semântica e Pragmática*. 1ª ed. Florianópolis, Editora Insular, 1999.
- MUKAI, Yûki. "O Morfema de Topicalização 'Wa' – Um Breve Histórico". *Estudos Japoneses*. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo, vol. 22, pp. 113-145, 2002.
- . *O Morfema "Wa" da Língua Japonesa: Suas Funções do Ponto de Vista da Estrutura Informacional*. São Paulo, 2003, 355 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NAGANO, Masaru. *Bunshôron sôsetsu (Teoria Geral sobre a Análise do Texto)*. 6ª ed. Tóquio, Asakura Shoten, 1996 (1ª ed., 1986).
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. 1ª reimpressão. São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- . *A Gramática: História, Teoria e Análise, Ensino*. 1ª ed. São Paulo, Editora Unesp, 2002.
- NITTA, Yoshio. "Kakari-musubi ni tsuite" ("Sobre o grammatical adverb-predicate correspondence"). In: SUZUKI, Kazuhiko & HAYASHI, Ooki (orgs.). *Kenkyû shiryô nihon bunpô – Daigokan Joji hen (ichi) Joshi (Dados de Pesquisas da Gramática Japonesa – vol. 5 Cole-*

- ção sobre os Morfemas e Auxiliares Verbais [nº 1] Morfemas). 4ª ed. Tóquio, Meiji Shoin, 1995, pp. 101-135 (1ª ed., 1984).
- NITTA, Yoshio & MASUOKA, Takashi (orgs.). *Nihongo no modality (Japanese Modality)*. 4ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1998 (1ª ed., 1989).
- NODA, Hisashi. “Bun no kaisô kara mita shudai to toritate” (“Tema e Topicalização, do Ponto de Vista das Camadas da Frase”). In: MASUOKA, Takashi; NODA, Hisashi & NUMATA, Yoshiko (orgs.). *Nihongo no shudai to toritate (Tema e Topicalização da Língua Japonesa)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997 (1ª ed., 1995).
- \_\_\_\_\_. “Wa” to “ga” (*Os Morfemas “Wa” e “Ga”*). 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1997 (1ª ed., 1996).
- ÔNO, Susumu. *Nihongo no bunpô wo kangaeru (Refletindo sobre a Gramática da Língua Japonesa)*. 40ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1997 (1ª ed., 1978).
- ONOE, Keisuke. “‘Wa’ no kakarijoshisei to hyôgenteki kinô” (“As Características e Funções Expressivas do Morfema ‘wa’”). *Kokugo to kokubungaku (Língua e Literatura Japonesa)*, Tóquio, Tôkyô Daigaku Kokugo Kokubun Gakkai, vol. 58, n. 5, pp. 102-118, 1956.
- PALMER, Frank Robert. *Grammatical Roles and Relations*. 1ª ed. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- PERINI, Mário A. *Para uma Nova Gramática do Português*. 8ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1995.
- PINTO, Joana Plaza. “Pragmática”. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística: Domínios e Fronteiras, vol. 2*. 2ª ed. São Paulo, Editora Cortez, 2001, pp. 47-68.
- PRINCE, Ellen F. “On the function of existential presupposition in discourse”. In: FARKAS, Donka; JACOBSEN, Wesley M. & TODRYS, Karol W. (orgs.). *Papers from the Fourteenth Regional Meeting, Chicago Linguistic Society*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1978, pp. 362-376.
- \_\_\_\_\_. “Toward a taxonomy of given-new information”. In: COLE, Peter (org.). *Radical Pragmatics*. Nova York, Academic Press, 1981, pp. 223-255.
- \_\_\_\_\_. “Discourse analysis: A part of the study of linguistic competence” In: NEWMAYER, Frederick J. (org.). *Linguistics: The Cambridge Survey, vol. 2: Linguistic Theory: Extensions and Implications*. Reed. Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 164-182 (1ª ed., 1988).
- SAJI, Keizô. “Kakari-musubi no issokumen – shudai/jojutsu(bu) ni kanren shite –” (“Uma faceta do grammatical adverb-predicate correspondence – relações com o tema e o rema –”). *Kokugo kokubun (Língua e Literatura Japonesa)*, Quiôto, Kyôto Daigaku Kokubun Gakkai, vol. 43, n. 5, pp. 1-30, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Nihongo no bunpô no kenkyû (Estudos da Gramática da Língua Japonesa)*. 3ª ed. Tóquio, Hitsuji Shobô, 1996 (1ª ed., 1991).
- SAKUMA, Kanae. *Nihongo no tokushitsu (Características Peculiares da Língua Japonesa)*. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1995 (Ed. original, Ikuei Shoin, 1941).
- \_\_\_\_\_. *Gendai nihongohô no kenkyû (Estudo das Regras Gramaticais do Japonês Moderno)*. 5ª ed. Tóquio, Kôseisha Kôseikaku, 1967 (1ª ed., 1952).
- SCHMID, Hans-Jörg. “‘Presupposition can be a bluff’: How abstract nouns can be used as presupposition triggers”. *Journal of Pragmatics*, vol. 33, n. 10, pp. 1529-1552, 2001.
- SHIBATANI, Masayoshi; KAGEYAMA, Tarô & TAMORI, Ikuhiro. *Gengo no kôzô – Riron to bunseki – Imi/Tôgo hen (A Estrutura da Língua – Teoria e Análise – Série Semântica e Sintaxe)*. 13ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1996 (1ª ed., 1982).
- SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

- SILVEIRA, Jane Rita Caetano da & FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e Cognição: A Textualidade pela Relevância*. 2ª ed. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caixas do Sul, 1999 (1ª ed., 1997).
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. 2ª ed. Oxford, Blackwell Publishers Ltd., 2001 (1ª ed. 1986).
- STALNAKER, Robert C. "Pragmatics" In: DAVIDSON, Donald & HARMAN, Gilbert (orgs.). *Semantics of Natural Language*. 2ª ed. Dordrecht, Holanda, D. Reidel Publishing Company, 1972, pp. 380-397 (Synthese library, vol. 40).
- SUGIMOTO, Takashi. *Imiron 2 – Ninchi imiron (Semântica 2 – Semântica Cognitiva)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 2000 (1ª ed., 1998).
- SUZUKI, Kazuhiko & HAYASHI, Ooki (orgs.). *Kenkyû shiryô nihon bunpô – Daigokan Joji hen (ichi) Joshi (Dados de Pesquisas da Gramática Japonesa – vol. 5 Coleção sobre os Morfe-mas e Auxiliares Verbais (no. 1) Morfemas)*. 4ª ed. Tóquio, Meiji Shoin, 1995 (1ª ed. 1984).
- SUZUKI, Mutsumi. "Kikite no shiteki ryôiki to teinei hyôgen – Nihongo no teineisa wa ikanishite naritatsu ka –" ("O Território Pessoal do Destinatário e as Expressões de Polidez – Como se Forma a Polidez na Língua Japonesa –"). *Nihongogaku (Estudos da Língua Japonesa)*, Tóquio, Meiji Shoin, vol. 8. n. 2, pp. 58-67, 1989.
- SUZUKI, Shigeyuki. *Nihongo bunpô/Keitairon (Gramática Japonesa/Morfologia)*. 3ª ed. Tóquio, Mugi Shobô, 1973 (1ª ed., 1972) (Col. Kyôiku Bunko, n. 3).
- TAKAMI, Ken'ichi. *Kinôteki tôgoron (Sintaxe Funcional)*. 2ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 2000 (1ª ed., 1997).
- TAKUBO, Yukinori *et al.* (orgs.). *Danwa to bunmyaku (Discurso e Contexto)*. 1ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1999.
- TANBO, Ken'ichi. "Kakarijoshi 'wa' no rikai" ("Compreensão do Morfema de Efeito Modalizador 'Wa'"). *Nihongogaku (Estudos da Língua Japonesa)*, Tóquio, Meiji Shoin, vol. 5. n. 2, pp. 14-21, 1986.
- TERAMURA, Hideo. *Nihongo no shintakusu to imi, III (A Sintaxe e o Significado da Língua Japonesa, III)*. 3ª ed. Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1998 (1ª ed., 1991).
- TERAMURA, Hideo *et al.* (orgs.). *Case study: Nihon bunpô (Case study: Gramática da Língua Japonesa)*. 16ª ed. Tóquio, Ôfû, 1998 (1ª ed., 1987).
- TOKIEDA, Motoki. *Kokugogaku shi (História dos Estudos Teóricos sobre a Língua Japonesa)*. 18ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1970 (1ª ed., 1940).
- \_\_\_\_\_. *Kokugogaku Genron (Princípios Teóricos sobre os Estudos da Língua Japonesa)*. 24ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1969 (1ª ed., 1941).
- \_\_\_\_\_. *Nihon bunpô kôgo hen (Gramática Japonesa – Série Língua Falada)*. 14ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1968 (1ª ed., 1950).
- TSUCHIYA, Shun. "Gengokôiron no tenkai" ("Desenvolvimento da Teoria dos Atos de Fala"). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 12, pp. 32-40, 1980.
- TSUKADA, Hiroyasu. *Nichieigo no shudai, shugo soshite shôryaku – Taikei kinôbunpôteki apurôchi (Tema, Sujeito e Elipse do Japonês e do Inglês – Perspectiva da Systemic Functional Grammar)*. 1ª ed. Tóquio, Liber Shuppan, 2001.
- UMEGAKI, Minoru. *Nichiei hikaku hyôgenron (Estudos Contrastivos sobre as Expressões da Língua Inglesa e Japonesa)*. 7ª ed. Tóquio, Taishûkan Shoten, 1993 (1ª ed., 1975).
- UNGERER, Friedrich & SCHMID, Hans-Jörg. *An Introduction to Cognitive Linguistics*. 4ª ed. Nova York, Pearson Education Inc., 1999 (1ª ed. Londres, Longman, 1996).
- VAN DIJK, Teun A. *Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*. 5ª ed. Nova York, Longman Inc., 1989 (1ª ed., 1977).

- \_\_\_\_\_. *Cognição, Discurso e Interação*. Org. e apresentação por KOCH, Ingedore V. 3ª ed. São Paulo, Contexto, 2000 (Ed. original, 1992).
- VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Coimbra, Livraria Almedina, 2001.
- VOGT, Carlos. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. 1ª ed. Campinas, Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, 1980 (Col. Linguagem).
- WATANABE, Minoru. *Kokugo Kôbunron (Teoria Sintática da Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Hanawa Shobô, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Nihongo gaijsetsu (Considerações Gerais sobre a Língua Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Iwanami Shoten, 1996.
- WLODARCZYK, A. “Shudai kara shugo e soshite shugo kara shudai e” (“Do Tema para o Sujeito Gramatical e do Sujeito Gramatical para o Tema”). *Gengo (Língua)*, Tóquio, Taishûkan Shoten, vol. 9, n. 8, pp. 78-85, 1980.
- YAMADA, Midori. “Joshi no shomondai” (“Algumas Questões sobre os Morfemas”). In: SUZUKI, Kazuhiko & HAYASHI, Ooki (orgs.). *Kenkyû shiryô nihon bunpô – Daigokan Joji hen (ichi) Joshi (Dados de Pesquisas da Gramática Japonesa – vol. 5 Coleção sobre os Morfemas e Auxiliares Verbais [nº 1] Morfemas)*. 4ª ed. Tóquio, Meiji Shoin, 1995, pp. 197-212 (1ª ed., 1984).
- YAMADA, Yoshio. *Nihon bunpôron (Teoria da Gramática Japonesa)*. Reimpresso, Tóquio, Hôbunkan, 1970 (1ª ed., 1908).
- \_\_\_\_\_. *Nihon kôgohô kôgi (Explicações sobre a Gramática da Língua Japonesa Moderna)*. Reimpresso, Tóquio, Hôbunkan, 1970 (1ª ed., 1922).
- \_\_\_\_\_. *Nihon bunpôgaku gairon (Considerações Gerais sobre a Teoria da Gramática Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Hôbunkan, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Nihon bunpôgaku yôron (Teoria Fundamental sobre os Estudos da Gramática Japonesa)*. 1ª ed. Tóquio, Kadokawa Shoten, 1950.
- YULE, George. *Kotoba to hatsuwa jôkyô – Goyôron eno shôtai (Linguagem e Contexto de Enunciação – Convite para a Pragmática)*. Tradução: Masao Takaji. 1ª ed. Tóquio, Liber Shuppan, 2000. Tradução de: *Pragmatics* (Ed., original: Oxford University Press, 1996).